

Questionário Estendido de Atributos Pessoais: Uma Medida de Traços Masculinos e Femininos¹

Maria Cristina Ferreira

Universidade Gama Filho

RESUMO - O presente trabalho teve como objetivo adaptar, para o meio cultural brasileiro, o Questionário Estendido de Atributos Pessoais (EPAQ), de autoria de Spence, Helmreich e Holahan (1979), que consiste em uma medida de traços masculinos (instrumentais) e femininos (expressivos) socialmente desejáveis e indesejáveis. O instrumento foi aplicado a 800 estudantes universitários de ambos os sexos. Os resultados das análises fatoriais e das médias das auto-avaliações revelaram a necessidade de algumas modificações na versão original do instrumento. Os índices de consistência interna das escalas foram, em geral, fracos. Ainda assim, os dados da amostra brasileira replicaram os da norte-americana, ao sustentar o modelo teórico bifatorial de traços de personalidade masculinos e femininos proposto por Spence e Helmreich (1978). Concluiu-se que o EPAQ, em sua versão brasileira, apesar de apresentar algumas deficiências psicométricas, mostrou-se um instrumento promissor. A realização de estudos futuros para o refinamento de suas qualidades psicométricas foi sugerida. Palavras-chave: masculinidade e feminilidade, identidade de gênero, traços expressivos e instrumentais.

Extended Personal Attributes Questionnaire (EPAQ):

A Measure of Masculine and Feminine Traits

ABSTRACT - The aim of this study was to adapt, to the Brazilian population, the Extended Personal Attributes Questionnaire (EPAQ), by Spence, Helmreich and Holahan (1979), which is a measure of socially desirable and undesirable masculine (instrumental) and feminine (expressive) traits. The instrument was administered to 800 undergraduate students of both sexes. The results on factor analyses and self-evaluations revealed the need for some modifications on the original version of the instrument. In general, the internal consistency indexes were weak. Even so, the data from Brazilian sample replicated those reported for U.S. A. subjects, supporting the bifactorial conceptual model of masculine and feminine personality traits proposed by Spence and Helmreich (1978). It was concluded that the EPAQ Brazilian version has some psychometric deficiencies but is a promising instrument. It was suggested the carrying out of future studies in order to refine its psychometric qualities.

Key words: masculinity and femininity, gender identity, expressive and instrumental traits.

Atualmente, uma vasta literatura documenta que a divisão de papéis entre os sexos está associada a diferenças nas características de personalidade dos dois sexos. Ao homem, são atribuídas, em maior grau, qualidades orientadas para metas (independência, afirmação, decisão, necessidade de realização), que lhe permitem um desempenho adequado de seu papel, tanto no ambiente familiar como no extra familiar, no que se refere à ocupação de posições de liderança. Por outro lado, são atribuídas às mulheres, em maior grau, qualidades orientadas para o contato interpessoal (amabilidade, sensibilidade com os outros, emotividade, necessidade de afiliação), que lhe permitem desempenhar eficazmente um papel doméstico no âmbito da família. As diferenças nessas qualidades instrumentais e expressivas irão se refletir em diferenças nos comportamentos associados aos papéis sexuais (Spence, Deaux & Helmreich, 1985).

Fundamentando-se na concepção de que diferenças nos traços de personalidade masculinos e femininos poderiam ser generalizadas a diferenças nos papéis sexuais, por serem ambos os processos determinados por diferenças genéticas entre os sexos, vários instrumentos vêm sendo desenvolvidos, com o objetivo de mensurar o constructo masculinidade-feminilidade, ou seja, a identificação com o papel sexual.

A construção dos primeiros instrumentos desenvolvidos neste sentido se baseou num modelo unifatorial (Spence, 1984). Tal modelo postula que, de modo semelhante ao sexo biológico, os atributos psicológicos e comportamentais que diferenciam os sexos, isto é, as qualidades masculinas e femininas são mutuamente exclusivas. Assim, a presença de um tipo de qualidade exclui a presença do outro tipo. Considera-se, portanto, que a masculinidade e a feminilidade são constructos hipotéticos que representam os dois extremos de um único contínuo bipolar, onde cada indivíduo ocupa uma posição, com os homens pendendo para o pólo masculino e as mulheres pendendo para o pólo feminino. Além disso, admite-se que as várias classes de qualidades e comportamentos que diferenciam os sexos encontram-se substan-

¹ A autora agradece aos alunos Carmen Luiza Hozana Ferreira, Francisco de Jesus Silva e Souza e Rita de Cássia Teles Coimbra, da Universidade Gama Filho, a colaboração prestada na realização do presente trabalho.

² Endereço: Rua Carolina Santos 119 Bloco 1 Apto. 202, 20721 -340 Rio de Janeiro RJ.

cialmente correlacionados dentro de cada sexo e que, em sua totalidade, contribuem para um único fator bipolar.

Como uma alternativa ao modelo unifatorial, surge, na década de setenta, o modelo bifatorial (Bem, 1974; Block, 1973; Carlson, 1971; Spence, Helmreich & Stapp, 1975). Tal modelo sustenta que a masculinidade e a feminilidade consistem em duas dimensões ortogonais e independentes, e portanto, ocorrem no mesmo indivíduo, em maior ou menor grau.

Com base no modelo bifatorial e numa concepção sócio-cultural de masculinidade e feminilidade, que faz distinção entre um papel instrumental e um papel expressivo, vários questionários de autodescrição (Bem, 1974; Berzins, Welling & Wetter, 1978; Heilbrun, 1976; Spence & cols., 1975) foram desenvolvidos para medir a masculinidade e a feminilidade, consideradas como constructos ortogonais e independentes. Entre eles, os mais conhecidos são o Inventário do Papel Sexual de Bem (BSRI), desenvolvido por Bem (1974) e o Questionário de Atributos Pessoais (PAQ), desenvolvido por Spence e cols. (1975). Em ambos os instrumentos, a mensuração dos constructos de masculinidade e de feminilidade é realizada separadamente, o que faz com que cada indivíduo receba dois resultados, correspondentes a dois conjuntos distintos de itens.

O Questionário de Atributos Pessoais (PAQ), em sua primeira versão (Spence & cols., 1975), caracterizava-se por ser um questionário de autodescrição composto de 55 itens. Para a sua construção, foi pedido a estudantes de ambos os sexos que avaliassem um homem e uma mulher típicos, ou um homem e uma mulher ideais, através de 138 itens bipolares, referentes a traços de personalidade, retirados do questionário de Estereótipo do Papel Sexual (Rosenkrantz, Vogel, Bee, Broverman & Broverman, 1968). Desse total, foram retirados, para compor o PAQ, os 55 itens que apresentaram diferenças significativas nas avaliações do homem e mulher típicos, tanto na amostra masculina quanto na amostra feminina. Esses itens foram atribuídos a três escalas diferentes, tomando por base as avaliações do homem e mulher ideais. Assim, a escala de masculinidade (M) foi composta pelos itens julgados como mais característicos dos homens que das mulheres mas socialmente desejáveis, em algum grau, para ambos os sexos (por exemplo, independente e dinâmico). A escala de feminilidade (F) foi composta pelos itens julgados mais característicos das mulheres que dos homens, mas socialmente desejáveis em ambos os sexos (por exemplo, dedicada e gentil). Finalmente, a escala M-F foi composta por itens cuja desejabilidade social diferia em direção para os dois sexos, na medida em que, nesses itens, a mulher ideal foi avaliada na direção do pólo estereotípico feminino (por exemplo, sensível) e o homem ideal foi avaliado na direção do pólo estereotípico masculino (como, por exemplo, dominador).

Posteriormente, Spence e Helmreich (1978) desenvolveram uma versão reduzida do PAQ, que se caracteriza por ser conceitualmente mais pura que a versão original. Essa

forma mais atual e mais usada do PAQ é composta de 24 itens divididos em três escalas, cada uma contendo oito itens bipolares, relativos a traços gerais de personalidade, a serem avaliados numa escala de cinco pontos. Tais itens foram selecionados da versão original, por serem os que apresentavam as maiores correlações com os totais das escalas a que pertenciam e, no caso das escalas M e F, por serem os que melhor ilustravam os traços instrumentais e os traços de expressividade, respectivamente.

Como o PAQ é constituído apenas de traços socialmente desejáveis, Spence, Helmreich e Holahan (1979) desenvolveram posteriormente o EPAQ, que contém escalas compostas de características socialmente indesejáveis, adicionais às escalas M+, F+ e M-F. O procedimento para a seleção dos itens dessas escalas negativas foi análogo ao utilizado no desenvolvimento das escalas positivas. Assim, a escala de masculinidade negativa (M-) é composta de oito itens relacionados a traços referentes à ação (por exemplo, arrogante e cínico), que foram julgados como estereotipicamente mais característicos dos homens que das mulheres, porém socialmente indesejáveis para ambos os sexos. Duas são as escalas de feminilidade negativa (F-): uma (Fe-) contém quatro itens que refletem características indesejáveis de fraternidade (por exemplo, submissa), enquanto a outra (Fva-) contém quatro itens que refletem uma verbalização passivo-agressiva (por exemplo, reclama de tudo).

Estudos feitos com o PAQ reduzido (Spence & Helmreich, 1978) e com o EPAQ (Spence & cols., 1979) demonstraram a existência de diferenças consistentes entre os dois sexos, em todas as escalas, com os homens obtendo resultados significativamente maiores que as mulheres nas escalas de masculinidade e o oposto ocorrendo nas escalas de feminilidade. Tais dados proporcionaram validade à crença comum de que os sexos diferem no grau relativo com que manifestam suas características expressivas e instrumentais. Além disso, as análises fatoriais realizadas com esses instrumentos (Helmreich, Spence & Wilhelm, 1981) produziram dois fatores ortogonais em cada sexo, correspondentes às escalas M e F. Verificou-se, também, que as escalas M+ e F+ e as escalas M- e F- se apresentaram, em ambos os sexos, com correlações próximas de zero, numa demonstração de que os atributos masculinos e femininos se constituem em dois conjuntos independentes de traços.

O estudo de Helmreich e cols. (1981) evidenciou ainda que o EPAQ e suas formas alternativas apresentaram, em diferentes tipos de amostras, índices razoáveis de fidedignidade (0,67 a 0,78 para M+; 0,72 a 0,80 para F+; 0,53 a 0,65 para M-F; 0,69 a 0,70 para M-; 0,60 a 0,63 para Fva- e 0,41 a 0,46 para Fe-).

A validade preditiva e de construto do EPAQ e seus correlatas, para a medida de atributos de personalidade expressivos e instrumentais, tem sido verificada em vários estudos (Spence & Helmreich, 1978; Spence & cols., 1975, 1979). Foram observadas diferenças significativas entre os dois sexos, na direção prevista, em todas as escalas do

instrumento, bem como correlações significativas entre as diferentes escalas e vários índices de ajustamento e competência social. Tais dados demonstram que os atributos expressivos e instrumentais têm implicações para outros importantes comportamentos e características disposicionais de ambos os sexos.

Até agora, os estudos realizados com esses instrumentos têm se restringido, quase que exclusivamente, a dados coletados com a população norte-americana, exceção feita a uma adaptação alemã (Runge, Frey, Gollwitzer, Helmreich & Spence, 1981) e a uma adaptação mexicana (Díaz-Loving, Díaz-Guerrero, Helmreich & Spence, 1981) do EPAQ.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi realizar uma adaptação do EPAQ à população brasileira, através da análise de suas qualidades psicométricas. Procurou-se, ainda, verificar se uma versão brasileira desse instrumento serviria para mostrar uma constelação de traços instrumentais e expressivos positivos e negativos próprios a cada sexo, bem como diferenças sexuais entre esses traços.

A consulta à literatura evidenciou a não existência de dados transculturais diretamente relacionados à socialização de traços instrumentais e expressivos em sujeitos norte-americanos e brasileiros. Entretanto, estudos sobre estereótipos sexuais conduzidos na população brasileira (La Rosa, 1979; Silva, Guarido & Graciano, 1976) demonstram que as expectativas de papéis sexuais das duas populações se assemelham. Tal fato levou à suposição de que os sujeitos brasileiros de sexo masculino e feminino apresentariam diferenças em suas qualidades instrumentais e expressivas, de modo semelhante aos sujeitos norte-americanos. Considerou-se, entretanto, a possibilidade de que exemplares particulares de traços expressivos e instrumentais, que diferenciam os dois sexos, pudessem variar de uma população para outra.

Método

Sujeitos

A amostra foi composta de 800 sujeitos, sendo 383 homens e 417 mulheres, na faixa etária de 17 a 41 anos, com idade média de 23,90 anos, pertencentes a diferentes cursos universitários das áreas de Ciências Humanas, Tecnológicas e Biomédicas de universidades públicas e particulares da cidade do Rio de Janeiro.

Instrumento

Para se obter uma versão brasileira do EPAQ, uma tradução inicial do instrumento foi realizada por três tradutores que trabalharam independentemente, tomando o cuidado de dar prioridade ao significado conotativo do item, muito mais do que à tradução literal. Em seguida, os itens que apresentaram divergências de tradução foram submetidos a uma discussão conjunta entre os três tradutores, até que se obtivesse um consenso a respeito do melhor significado para o item. A organização dos itens foi feita de modo a reproduzir a ordem e a disposição do instrumento norte-americano

original. Assim, a versão brasileira inicial do EPAQ constou de 40 itens, a serem avaliados numa escala de cinco pontos (0 a 4), com rótulos verbais escritos nos pontos extremos da escala (por exemplo, muito agressivo - pouco agressivo). A atribuição de pontos às respostas dos itens pertencentes às escalas M e M-F foi feita na direção do pólo masculino do item e, nos itens das escalas F, na direção do pólo feminino. O resultado total em cada escala foi obtido através da soma dos pontos atribuídos a cada item.

Procedimento

A aplicação do instrumento se realizou de forma individual ou coletiva, com tempo livre. Foi solicitado aos sujeitos que opinassem sobre o tipo de pessoa que julgavam ser, mediante as respostas aos itens do questionário, da forma mais sincera possível, de acordo com a primeira reação que lhes viesse à cabeça.

Resultados

Análise das escalas positivas

Como já foi dito, as escalas M+ e F+ do EPAQ foram compostas por itens relacionados a características avaliadas como socialmente desejáveis em ambos os sexos, porém mais típicas do sexo masculino ou feminino. Já a escala M-F foi composta de itens julgados diferencialmente desejáveis para os homens e mulheres, com o ideal masculino situado no pólo típico do sexo masculino e o ideal feminino situado no pólo típico do sexo feminino. Como seria de se esperar, portanto, na amostra norte-americana, as médias das auto-avaliações na escala M+, em ambos os sexos, situaram-se no pólo estereotípico masculino desejável (acima do ponto médio da escala), com os homens obtendo resultados mais altos que as mulheres. Na escala F+, em ambos os sexos, a média das auto-avaliações situaram-se no pólo estereotípico feminino desejável (acima do ponto médio da escala), com as mulheres obtendo resultados mais altos que os homens. Na escala M-F, as médias das auto-avaliações dos homens situaram-se no pólo estereotípico masculino, enquanto as médias das auto-avaliações das mulheres se situaram no pólo estereotípico feminino.

Na adaptação brasileira do EPAQ, de modo semelhante às adaptações alemã e mexicana, não se obtiveram avaliações sobre a mulher e o homem típicos e ideais. Deste modo, as médias das auto-avaliações foram usadas no julgamento da desejabilidade social dos itens, através de comparações entre as médias das amostras masculina e feminina e entre essas e o ponto médio da escala, que é igual a 2.

Assim, conforme se pode observar na Tabela 1, na escala F+, todos os itens reproduziram o padrão esperado, enquanto na escala M+, sete itens reproduziram o padrão esperado, e um item {independente) reproduziu características da escala F-.

Para verificar se a estrutura fatorial da amostra brasileira se assemelhava à estrutura obtida nas amostras norte-ameri-

canas, análises fatoriais semelhantes às realizadas por Helmreich e cols., (1981) foram efetuadas com os dados fornecidos pelos sujeitos brasileiros.

Inicialmente, foi feita uma análise fatorial apenas com os itens das escalas M+ e F+, separadamente para as amostras masculina e feminina, através do método de componentes principais, com rotação oblíqua e delta igual a zero, com uma solução de dois fatores (Tabela 1). A estrutura fatorial obtida foi bastante semelhante à da amostra norte-americana, com um fator reproduzindo um conglomerado de traços instrumentais desejáveis e um outro reproduzindo um conglomerado de traços expressivos desejáveis, em ambos os sexos. As cargas fatoriais dos itens da escala M+, no fator instrumental, variaram de 0,20 a 0,77 na amostra masculina e de 0,32 a 0,65 na amostra feminina. As cargas fatoriais dos itens da escala F+, no fator expressivo, variaram de 0,35 a 0,70 na amostra masculina e de 0,32 a 0,62 na amostra feminina, o que pode ser considerado como um resultado bastante satisfatório.

A análise das médias das auto-avaliações dos itens da escala M-F (Tabela 2) demonstrou várias diferenças em relação à amostra norte-americana, já que apenas dois itens reproduziram o padrão esperado. Outros quatro itens (agressivo, tem necessidade de dominar os outros, sensível e nunca chora) reproduziram características da escala M-. Um item {não tem necessidade de segurança financeira) reproduziu

características da escala F- e um último item {mantém-se calmo nos momentos de crise) reproduziu o padrão da escala M+.

A análise fatorial da escala M-F foi realizada junto com as escalas M+ e F+ (Tabela 2), separadamente para as amostras masculina e feminina, tendo-se antecipado uma solução de dois fatores, de modo semelhante a Helmreich e cols. (1981). Entretanto, apenas dois itens apresentaram cargas positivas, no fator instrumental socialmente desejável (cargas entre 0,27 e 0,34), evidenciando, portanto, um resultado diametralmente oposto ao obtido na amostra norte-americana.

Assim, resolveu-se realizar uma outra análise fatorial, com os itens da escala M-F, M- e F-, com uma solução de dois fatores.

Os resultados (vide Tabela 2) revelaram que quatro itens (agressivo, tem necessidade de dominar os outros, sensível e nunca chora) apresentaram-se carregados no fator instrumental indesejável (cargas entre 0,25 e 0,57), confirmando, assim, os resultados obtidos nas auto-avaliações, onde esses itens reproduziram o padrão da escala M-. O item não tem necessidade de segurança financeira, carregou no fator expressivo indesejável (cargas de 0,30 e 0,36), confirmando também os dados das auto-avaliações, onde o mesmo havia reproduzido o padrão da escala F-. Um oitavo item não carregou em nenhum fator.

Análise das escalas negativas

Como já foi dito, as escalas M- e F- do EPAQ foram compostas por itens julgados como socialmente indesejáveis para ambos os sexos, porém mais típicos do sexo masculino ou feminino. Assim, como seria de se esperar, as médias das auto-avaliações da escala M-, para ambos os sexos, situaram-se no pólo estereotípico masculino indesejável (abaixo do ponto médio da escala), com os homens obtendo resultados mais altos que as mulheres. Já as médias das auto-avaliações das escalas Fva- e Fe-, para ambos os sexos, situaram-se no pólo estereotípico feminino (abaixo do ponto médio da escala), com as mulheres obtendo resultados mais altos que os homens.

Na adaptação brasileira, a análise das médias das auto-avaliações (Tabela 3) revelou que, na escala M-, seis itens reproduziram o padrão esperado. As duas únicas exceções referiram-se ao item mau caráter, que reproduziu características da escala F-, e ao item vaidoso, que reproduziu características da escala F+. Na escala Fva-, dois itens reproduziram o padrão esperado, enquanto os outros dois (reclama sempre de tudo e chateia-se facilmente) reproduziram características da escala F+. Já na escala Fe-, três itens reproduziram o padrão esperado, enquanto um único item (humilde) reproduziu características da escala M+.

Na amostra norte-americana, a análise fatorial dos dezesseis itens das escalas negativas produziu uma solução de dois fatores na amostra masculina, com os itens da escala M- e Fva- formando um fator e os itens da escala Fe- formando

Tabela 1 - Médias das auto-avaliações e cargas fatoriais das escalas M+ e F+

Itens	Médias das Auto-avaliações		Cargas Fatoriais			
	Homens	Mulheres	Homens		Mulheres	
			M+	F+	M+	F+
Escala M+						
Independente	1,38	1,92	0,20	0,09	0,33	0,19
Dinâmico	2,89	2,37	0,42	0,21	0,36	0,29
Competitivo	2,61	2,01	0,41	-0,01	0,42	0,02
Toma decisões rapidamente	2,58	2,03	0,46	-0,07	0,42	-0,01
Nunca se dá por vencido	2,93	2,50	0,64	-0,01	0,40	0,06
Sente-se muito seguro de si	2,45	2,10	0,77	-0,13	0,65	-0,10
Acha-se superior	2,32	2,14	0,48	0,04	0,51	-0,17
Suporta bem as pressões	2,81	2,08	0,44	-0,02	0,32	0,03
Escala F+						
Emotivo	2,63	2,98	-0,17	0,57	-0,07	0,53
Dedica-se completamente aos outros	2,63	2,67	-0,07	0,60	-0,12	0,52
Gentil	2,84	2,98	0,19	0,58	-0,01	0,62
Prestativo	2,90	2,99	0,23	0,35	0,07	0,53
Amável	2,84	3,00	0,01	0,70	0,09	0,51
Interessa-se pelos sentimentos dos outros	3,03	3,28	0,02	0,56	-0,10	0,57
Compreensivo	2,77	2,85	0,15	0,50	0,09	0,51
Afetoso	2,67	2,91	-0,01	0,44	0,02	0,32

Tabela 2 - Médias das auto-avaliações e cargas fatoriais da escala M-F

Itens	Médias das Auto-avaliações		Cargas Fatoriais							
	Homens	Mulheres	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
			M+	F+	M+	F+	M-	F-	M-	F-
Agressivo	1,38	1,28	-0,06	-0,27	-0,04	-0,15	0,29	0,27	0,25	-0,04
Tem necessidade de dominar os outros	1,61	1,52	-0,01	-0,30	0,02	-0,22	0,47	0,02	0,45	-0,03
Mantém-se calmo nos momentos de crise	2,25	2,03	0,34	-0,10	0,33	-0,10	0,01	-0,43	0,18	0,06
Boêmio	2,21	1,82	0,05	0,07	0,12	0,09	0,00	0,05	0,05	-0,13
Nunca precisa da aprovação dos outros	2,29	1,75	0,32	-0,20	0,27	-0,10	0,03	-0,25	0,19	-0,23
Sensível	1,35	0,74	0,18	-0,71	0,11	-0,68	0,57	-0,17	0,47	0,34
Nunca chora	1,99	0,94	0,29	-0,36	0,31	-0,38	0,50	-0,47	0,48	0,08
Não tem necessidade de segurança financeira	1,11	1,17	-0,07	-0,25	0,02	-0,14	0,27	0,36	-0,06	0,30

um outro fator. Na amostra feminina obteve-se uma solução de três fatores, correspondentes às três escalas negativas do PAQ.

No presente trabalho, a análise fatorial dos dezesseis itens das escalas negativas foi realizada com uma solução de dois e de três fatores, tanto na amostra masculina como na feminina. Conforme pode ser observado na Tabela 3, a solução de dois fatores foi a mais adequada. Assim é que, na escala M-, cinco itens carregaram positivamente num fator instrumental indesejável, com cargas variando de 0,30 a 0,59, em ambas as amostras. O item mau-caráter, carregou no fator expressivo indesejável (cargas de 0,63 e 0,67), em ambas as amostras, confirmando os dados das auto-avaliações, onde esse item havia reproduzido o padrão da escala F-. Os demais itens carregaram num fator em apenas uma das amostras ou não carregaram em nenhum dos dois fatores. Nas escalas Fv+ e Fe-, três itens carregaram no fator expressivo indesejável em ambas as amostras (cargas de 0,33 a 0,58), enquanto os demais carregaram num fator em apenas uma das amostras ou não carregaram em nenhum dos dois fatores.

Dados psicométricos da versão brasileira do EPAQ (BEPAQ)

Na amostra brasileira, tanto a análise das médias das auto-avaliações como os resultados da análise fatorial apresentaram diferenças em relação aos dados obtidos com a amostra norte-americana. Tal constatação levou à realização de modificações nas escalas originais, com o intuito de adaptá-las ao meio cultural brasileiro.

As modificações foram efetuadas tomando-se por base dois critérios para a inclusão de um item em uma determinada escala. O primeiro referiu-se à direção da desejabilidade social do item, conforme indicada pelas médias das auto-avaliações. O segundo referiu-se ao fato dele apresentar uma carga fatorial maior ou igual a 0,30 em ambas as amostras, num fator compatível com a direção indicada pela análise de sua desejabilidade social.

Assim, um item {mantém-se calmo nos momentos de crise} da escala M-F, foi adicionado à escala M+, que teve um item {independente} eliminado, ficando assim com oito

itens. A escala F+ foi conservada exatamente igual à original norte-americana, com oito itens. Três itens {tem necessidade de dominar os outros, sensível e nunca chora} da escala M-F, foram adicionados à escala M-, que teve dois itens {vaidoso e hostil} eliminados e um item {mau-caráter} remanejado para a escala F-, ficando assim com oito itens também. Um item {não tem necessidade de segurança financeira} da escala M-F e um item {mau-caráter} da escala M- foram adicionados à escala F-, que teve os itens reclama sempre de tudo, chateia-se facilmente e humilde eliminados, ficando assim com sete itens. Os demais itens da escala M-F foram eliminados. Assim, essa escala desapareceu na adaptação do instrumento ao nosso meio, já que os seus outros cinco itens foram remanejados.

Desse modo, a versão brasileira do EPAQ (BEPAQ) ficou com trinta e um itens, distribuídos em duas escalas de masculinidade (uma positiva e uma negativa), com oito itens cada, e duas escalas de feminilidade, uma positiva, com oito itens e uma negativa, com sete itens. Todas as análises subsequentes foram baseadas no instrumento assim constituído.

A precisão de cada uma das quatro escalas (M+, M-, F+, F-) do BEPAQ foi calculada através do coeficiente alpha de Cronbach. Na amostra feminina, os resultados foram, respectivamente, 0,60; 0,66; 0,73 e 0,56. Na amostra masculina, os resultados foram, respectivamente, 0,70; 0,74; 0,75 e 0,60. Pode-se observar, assim, que a escala de feminilidade negativa foi a que se mostrou menos consistente em ambos os sexos. Tais resultados são comparáveis aos obtidos nos Estados Unidos, mas demonstram que, em geral, a precisão das escalas é fraca, não somente na versão brasileira como também na versão original.

O cálculo das intercorrelações entre as quatro escalas do BEPAQ (Tabela 4), através do coeficiente linear de Pearson, replicou os resultados anteriormente encontrados com os sujeitos norte-americanos, ao demonstrar que as correlações entre as escalas M+ e F+ e entre as escalas M- e F-, tanto na amostra masculina como na feminina, foram baixas e positivas. Tais dados indicam que as escalas M e F se apresentaram ortogonais e não opostas, na medida em que não apresen-

Tabela 3 - Médias das auto-avaliações e cargas fatoriais das escalas M- e F-

Itens	Médias Auto-avaliações		Cargas Fatoriais			
	Homens	Mulheres	Homens		Mulheres	
			M-	F-	M-	F-
Escala M						
Arrogante	1,33	1,25	0,53	0,14	0,52	0,10
Vaidoso	2,33	2,65	0,03	-0,10	0,08	-0,32
Egofsta	1,41	1,38	0,49	0,13	0,31	0,24
Está sempre se aproveitando dos outros	1,54	1,04	0,48	0,47	0,30	0,42
Autoritário	1,99	1,93	0,49	-0,11	0,52	-0,39
Cínico	1,82	1,35	0,59	-0,09	0,47	0,07
Mau-caráter	0,78	0,82	0,12	0,67	0,18	0,63
Hostil	1,51	1,47	0,05	0,09	0,24	0,36
Escala F+						
Escala Fva-						
Está sempre se lamentando	1,54	1,99	0,03	0,14	-0,03	0,40
Reclama sempre de tudo	2,00	2,11	0,11	0,04	0,08	-0,04
Chatea-se facilmente	2,27	2,61	0,03	-0,09	-0,10	0,05
Espalhafatoso	1,31	1,36	0,25	0,40	0,29	0,05
Escala Fc-						
Não tem personalidade	0,80	0,99	0,02	0,43	-0,08	0,55
Submisso	1,15	1,30	0,08	0,54	0,09	0,58
Humilde	2,24	2,21	-0,35	-0,03	-0,24	-0,03
Ingênuo	1,42	1,80	0,03	0,33	-0,07	0,33

taram correlações negativas. Evidencia-se, assim, a validade do enfoque bifatorial, no sentido de que o indivíduo de qualquer sexo pode apresentar tanto características instrumentais masculinas como características expressivas femininas. As correlações entre as escalas positivas e negativas paralelas (M+ com M- e F+ com F-) foram baixas, indicando a independência entre essas escalas. As correlações entre as escalas opostas (M+ com F- e M- com F+) foram negativas e substanciais, como seria de se esperar.

A comparação dos resultados entre os sexos masculino e feminino, em cada uma das escalas do BEPAQ, revelou diferenças altamente significativas em todas elas, na direção esperada. Assim, os homens obtiveram resultados mais altos que as mulheres nas escalas M+ ($t = 10,31$; $p < 0,001$) e M- ($t = 5,88$; $p < 0,001$) e as mulheres obtiveram resultados mais altos que os homens nas escalas F+ ($t = 2,62$; $p < 0,01$) e F- ($t = 4,48$; $p < 0,001$), o que também replica os resultados anteriormente obtidos na amostra norte-americana e suporta a validade do instrumento para a amostra brasileira.

Tabela 4 - Intercorrelações entre as quatro escalas do BEPAQ

Escalas	Mulheres			
	M+	F+	M-	F-
Homens	M+	0,11	0,10	-0,38
	F+	0,22	-0,45	-0,05
	M-	-0,04	-0,51	0,26
	F-	-0,42	-0,08	0,23

Discussão

Os resultados obtidos no presente estudo indicaram que tanto as médias das auto-avaliações como as análises fatoriais das escalas M+ e F+, na amostra brasileira, replicaram, de modo bastante semelhante, os dados norte-americanos. A única exceção se referiu a um item que pertencia à escala M-F e foi adicionado à escala M+, na medida em que esse item foi visto, pela amostra brasileira, como socialmente desejável em geral, porém sobretudo para os homens.

Os itens da escala M-F, por outro lado, não se enquadraram nos critérios necessários a sua inclusão nessa escala. Por esta razão, ela foi eliminada e alguns de seus itens foram remanejados para outras escalas nas quais se ajustavam melhor. Assim, três itens foram adicionados à escala M-, na medida em que demonstraram uma conotação de instrumentalidade negativa, na amostra brasileira, apesar de nos Estados Unidos terem denotado uma instrumentalidade positiva. Um item foi adicionado à escala F- Jáque demonstrou uma expressividade negativa, apesar de nos Estados Unidos ter denotado uma instrumentalidade positiva.

As escalas negativas também sofreram algumas modificações em relação às escalas originais norte-americanas, sendo-lhes adicionados alguns itens, enquanto outros foram eliminados.

Assim, de modo contrário ao que se observou nos Estados Unidos e na Alemanha, e de modo semelhante ao que se observou no México, a constelação de masculinidade-feminilidade obtida na amostra de sujeitos brasileiros, através do BEPAQ, ficou definida por quatro escalas e não por seis.

Tal resultado pode ser interpretado como consequência de influências culturais, que se refletem nos processos de definição de papéis, gêneros, metas e características de personalidade. Esses processos encontram-se mais diferenciados em sociedades de origem latina, como a mexicana e a brasileira, que são mais tradicionais e conservadoras, em contraposição às sociedades mais liberais, como a norte-americana e a alemã, onde os mesmos se apresentam mais mesclados.

As modificações realizadas no BEPAQ tiveram o intuito de acomodar os dados provenientes de características típicas do nosso meio cultural, procurando manter, ainda assim, escalas que tivessem o mesmo significado psicológico das escalas originais do EPAQ. Entretanto, apesar dessas modificações, as estruturas fatoriais observadas no BEPAQ, as correlações baixas e positivas obtidas entre as escalas M+ e F+ e M- e F- e as diferenças verificadas entre os sexos, na direção prevista, sustentam claramente a validade da concepção dualista de características masculinas e femininas de personalidade (Bem, 1974; Block, 1973; Carlson, 1971; Spence & Helmreich, 1978), para a população brasileira.

Deve-se ressaltar, porém, que os índices de consistência interna das escalas foram fracos, embora seja comum a existência de tais índices em instrumentos destinados à mensuração de traços psicossociais. Tal fato pode estar associado

ao pequeno número de itens que compuseram cada fator, os quais não estariam sendo suficientes para a operacionalização adequada das dimensões que pretendiam representar.

Neste sentido, as deficiências psicométricas do Questionário Estendido de Atributos Pessoais, em sua versão brasileira, recomendam que sua utilização em pesquisas sobre identidade de gênero seja feita com cautela.

Entretanto, o apoio empírico fornecido pelo instrumento à estrutura de referência teórica da qual se originou indica que ele se constitui em um instrumento promissor.

Assim, seria interessante a realização de estudos futuros com o BEPAQ, que procurassem reunir maiores evidências a respeito de sua validade, bem como refinar suas qualidades psicométricas.

Referências

- Bem, S.L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 155-162.
- Berzins, J.I., Welling, M.A. & Wetter, R.E. (1978). A new measure of psychological androgyny based on the Personality Research Form. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 46, 126-138.
- Block, J.H. (1973). Conceptions of sex roles: Some cross-cultural and longitudinal perspectives. *American Psychologist*, 28, 512-527.
- Carlson, R. (1971). Sex differences in ego functioning. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 37, 267-277.
- Díaz-Loving, R., Díaz-Guerrero, R., Helmreich, R.L. & Spence, J.T. (1981). Comparación transcultural y análisis psicométrico de una medida de rasgos masculinos (instrumentales) y femeninos (expresivos). *Revista de la Asociación Latinoamericana de Psicología Social*, 1, 3-37.
- Heilbrun, A.B., Jr. (1976). Measurement of masculine and feminine sex-role identities as independent dimensions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 44, 183-190.
- Helmreich, R.L., Spence, J.T. & Wilhelm, J.A. (1981). A psychometric analysis of the Personal Attributes Questionnaire. *Sex Roles*, 7, 1097-1108.
- La Rosa, J. (1979). Estereótipos do papel sexual. *Psico*, 15, 55-71.
- Rosenkrantz, P.S., Vogel, S.R., Bee, H., Broverman, I.K. & Broverman, D.M. (1968). Sex roles stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32, 287-295.
- Runge, T.E., Frey, D., Gollwitzer, P.M., Helmreich, R.L. & Spence, J.T. (1981). Masculine (instrumental) and feminine (expressive) traits: A comparison between students in the United States and West Germany. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 12, 142-162.
- Silva, T.R.N., Guarido, E.L. & Graciano, M. (1976). Estudo sobre estereótipos sexuais nas percepções dos pais em relação a comportamentos e atitudes de seus filhos. *Cadernos de Pesquisa*, 18, 15-19.
- Spence, J.T. (1984). Masculinity, femininity, and gender-related traits: A conceptual analysis and critique of current research. Em B.A. Maher e W.B. Maher (Orgs.), *Progress in experimental personality research* (Vol. 13, pp. 1-97). New York: Academic Press.
- Spence, J.T., Deaux, K. & Helmreich, R.L. (1985). Sex roles in contemporary American society. Em G. Lindzey & E. Aronson (Orgs.), *Handbook of social psychology* (3a ed., Vol. 2, pp. 149-178). Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- Spence, J.T. & Helmreich, R.L. (1978). *Masculinity and femininity: Their psychological dimensions, correlates and antecedents*. Austin, Texas: Univ. of Texas Press.
- Spence, J.T., Helmreich, R.L. & Holahan, C.K. (1979). Negative and positive components of psychological masculinity and femininity and their relationships to self-reports of neurotic and acting out behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1673-1682.
- Spence, J.T., Helmreich, R. & Stapp, J. (1975). Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 29-39.

Recebido em 20.04.1993
 Primeira decisão editorial em 29.11.1993
 Versão final em 11.07.1995
 Aceito em 17.07.1995 ■